

# CÃOZINHO DO GODAR: Socialização Mediada por Cães no Rio

Frederico Assis, doutorando IPPUR

Na era dos olhos i-phônicos vidrados na suástica da maçã verde do pecado que não é do amor, só temos olhos para animação, para os animados e para os o animalesco com óculos de kant 3D. O encontro do macaco (osso) com astronauta (nave) em "2001: Odisséia no Espaço" vai de encontro ao do cachorro com o *I-Phone* em "Adeus à linguagem". Dessa mistura humano-tecnológica, eis que surge uma nova espécie rob(i)ótica ultraestética e visual, que faz do *videogame*, *powerpoint* e *facebook* formas e ideologias de ver o mundo de um homem que segue seus instintos com precisão engenharística, que se tatua com pintura *pop art* como o seu ancestral das cavernas rupestres, que grita na selva com *soundesign* de música trance em uma festa *rave* voltada e atropela as formigas com seus recalçados tênis *All-Star*. Em um mundo em que até as plantas tem que ser carnívoras, nas mãos, adornadas sem Adorno e Hochheimer, em extinção, livros de poesia e filosofia. No lugar, pulseiras masoquistas ou coleiras cabrestos sado masoquistas para guitarristas de *Guitar Hero* passearem com plumas de pavões domesticados em suas rondas felinas pela capital dos solteiros e do sol. Extensão de nossas narinas congestionadas pelo tráfico e tráfego, cães guias farejam o melhor amigo do homem que se aproxima para saber pelo cheiro de suas entranhas se o seu dono é digno de confiança. Selada a amizade animal pelo Supremo Tribunal Canino, inicia-se a dos seres autodenominados humanos que pode durar 15 minutos, render uma foto para efemeridade e, mais raramente, um beijo com muita saliva ácida. Melodramas sensacionalistas para adotar esses pelúcias

peludos abandonados e machucados completam o *MilkDietShake* fosforescente de eventos que condecoram com pompa e circunstância em redes sociais uma alteridade do outro de espécie, mas quase nunca, do de classe, raça, região e etnia – a não ser que tenha cabelos pseudo-anarquistas coloridos e roupas coladas descoladas e fale com gírias fáticas e monocórdias palavrões *vintages* onomatopeicos ruminantes. Moradores de ruas vítimas da eterna batalha do Rio a favor do privilégio panorâmico de alguns Lacerdas famosos globalmente, mas bairristas localmente, não comovem nossa humanidade blindada com filtros de cigarro para ver o infinito imediato. Talvez, por ser demasiado humano nossa bestialidade metida a besta, que nos faz dizer I LOVE YOU para cachorros de Parlov, mesmo que com nome de cineastas franceses. E nisso renunciar a vida plena e compassiva que enreda todas as coisas e seres para além da redoma dos arredores do meu redor embasado na confortável paranoia de segurança do controle do outro remoto desse paganismo pago da consumo conspícuo de Mustang, Mussoline, Hitler e hiki.

Palavras-chave: interação face-a-face; alteridade; estetização; animismo